

Quando se Porá Fim ao Cinismo?

José Saramago



Timor: Votar e Morrer

Candido Mendes

ACADÉMIE DE LA LATINITÉ

TEXTES DE REFERENCE

Quando se Porá Fim ao Cinismo?

José Saramago



Timor: Votar e Morrer

Candido Mendes

ACADÉMIE DE LA LATINITÉ

TEXTES DE REFERENCE

©José Saramago et Candido Mendes
Brésil, 1999

Quando se Porá Fim ao Cinismo?

José Saramago

Que importa ao mundo que eu me sinta humilhado e ofendido? Que importa ao mundo que eu tenha chorado lágrimas de indignação impotente perante as imagens infames de um crime infame? Se esta desgraçada humanidade, faltando uma vez mais ao respeito que deve a si mesma, não impôs à Indonésia, em nome da simples moral, o acatamento imediato e incondicional da vontade do povo de Timor Leste, que importa que um escritor acuda agora a protestar usando as palavras de toda a gente, que demasiados calam porque estão mais preocupados com os seus interesses no presente e no futuro do que com o sangue que corre e as vidas que se perdem? Quanto pesa o povo de Timor Leste nas balanças políticas da China e da Rússia? Qual é a cotização de um habitante de Dili na bolsa de Nova Iorque? A Indonésia tem mais de três mil ilhas e Timor Leste é apenas metade de uma delas. Valerá a pena, por tão pouco, levantar-se o mundo para reclamar responsabilidades aos culpados diretos e indiretos das atrocidades que diante dos nossos olhos se cometem, para exigir o castigo dos assassinos e dos seus mandantes? Quanto é preciso, então, para que nos levantemos? Um conti-

nente? Dois continentes? Levantar-se-á o mundo quando já estiver a ponto de perder-se o mundo? Que se passa com o ser humano? E a democracia, para que tem servido? Serviu de alguma coisa em Timor? Faz-se um referendo para logo o negar, antes mesmo que os votos estejam contados? Não será um crime contra a dignidade e a honra desprezar e violentar a vontade de independência de um povo? E que sentido têm hoje aquelas palavras? Há honra num ministro, há dignidade num general, se são o general e o ministro que armam o braço dos criminosos? Ou são eles próprios os criminosos? Quando se porá fim ao cinismo da mal denominada comunidade internacional? Quando acabará a hipocrisia dos que mandam? E a inércia dos que são mandados, quando acabará? Quando deixaremos de chorar sobre nós próprios? Quando deixaremos de dizer que não temos culpa? Não se salve Timor, e nós não teremos salvação.

Timor: Votar e Morrer

Candido Mendes

O Timor não é apenas a metade de uma das três mil ilhas que hoje constituem a Indonésia, tal como nos lembrou, no seu grito de protesto, José Saramago. Não responde a um jogo de ambições envelhecidas, em torno de um território diminuto, conclamado pelo Nobel da língua ao respeito de sua cultura e à reconquista de sua independência. Neste fim de milênio, o que rebenta em Dili, a capital mártir, é um dos testes desse advento da democracia, como uma das questões realmente fechadas, em que se possa ver a virada do milênio como o do mundo das liberdades, do voto respeitado e das renovações de governo no látego das urnas.

Multiplicaram-se nos últimos anos, com o Presidente Carter à frente, as vistorias *in loco* das eleições honestas, nos países saídos do negror dos generais de turno, ou dos caudilhos do carisma. Foi com o selo da ONU que mudou ainda há poucos meses a Nigéria, como se supervisionaram as eleições da Guatemala, de Uganda ou do Salvador. Junto à bandeira da ONU, os timorenses votaram seguros da proteção internacional. E o fizeram sem meias-palavras: 94% da população cidadã foram às urnas e 75% dos votos indicaram o

plebiscito pela independência. O que não esperavam é ver como torna da manifestação inequívoca a chacina continuada; os fuzis Kalanikoffs das ditas milícias pró-Indonésia disparando a esmo; os saques das lojas realizados com a calma toda dos assaltantes, como pudessem até chegar ao acinte de um ritmo de câmara lenta, no seu esbulho e na sua vindita. São 80 funcionários da ONU em kombis precárias, e desarmados, que acompanham, nos primeiros dias depois do resultado, esta forra das minorias pró-Jakarta, podendo chegar até 20 mil baixas o desastre de números conhecidos, a cada dia e a cada instante, a morrer pelo torpor dessas garantias da ONU, que induziram à confiança no voto e deixaram a população a esmo das gangues superarmadas. É o que, ao mesmo tempo, denuncia a pasmaceira explícita da dita ação pela consciência internacional brandida na Iugoslávia, e de repercussões tão esperadas nas novas proteções das minorias culturais, no cenário da *pax* do milênio.

Chirac abriu a sirene do novo alerta, tanto quanto a Secretaria de Estado em Washington apressou-se em dizer — ausente por inteiro Madame Albraigh — que Timor não era outro Kosovo. Mas também o Presidente Habbibe nada tem de um Milosevic. A retirada do auxílio externo americano e a desgraça financeira assinalada à nação ainda cambaleante na saída da corrupção tamanho família, do antigo Governo Suharto, sabem do realismo das negociações e de como a maior nação muçulmana do mundo não pode comportar conflitos

suicidários com os Estados Unidos. O grave não são as composições finais, entregues ao libreto óbvio da garantia da independência timorense, e o acordo entre o Exército indonésio e esta nova força internacional, no qual a Austrália parece assumir a posição de evidência crítica. É momento nosso, quase nos 500 anos do descobrimento, para por uma vez fazer boa praça em Melindes e Molucas, caminhos dos *Lusíadas*, pelo governo tão ansioso de um protagonismo internacional, e a levar a nossa tropa às forças de paz. E façamo-lo antes até que a Argentina, tão rápida no gatilho dessas operações, ponha o seu contingente em ação nos sonhos de um belicismo por qualquer coisa na Guerra das Estrelas, como fez no Iraque.

O ensejo, agora, é nosso, numa ação à margem de NATOS ou SATOS, onde a busca de uma nova identidade periférica para o Brasil sairia deste tango cansado do Mercosul, e hoje o castelo de cartas a que levou a nossa crise cambial de janeiro. Forças nossas também são, a partir da nossa Igreja, as que comungam agora com Timor Leste. É a Igreja católica, lá, quem organizou a primeira defesa dos timorenses, abriu-lhes as Igrejas como refúgio das milícias e criou o alarde internacional. A fotografia do Bispo Belo entre flores e doçuras em Lisboa, a caminho do Vaticano, não é, entretanto, a do sinete destes primeiros dias de vácuo e horror político. Mas do Padre Francisco Dewanto, vindo à porta da sua Igreja, todo paramentado — sabendo o que aconteceria

—, e de torso praticamente seccionado pelas rajadas de metralhadoras; do Padre Hue despedaçado na Sacristia; das freiras impávidas frente ao mais legítimo martírio: “Não me importa morrer”, diz a irmã Barudero, “o que não posso é calar-me diante do sacrifício cruento dos que votaram por um Timor livre.” A Indonésia não vai se transformar num país leproso como a Sérvia ou o Iraque. Mas o seu trato da questão Timor abre à consciência internacional este problema inédito da paralisia diante dos terrorismos eleitorais e da emergência das milícias embuçadas, enlouquecidas — sem sequer a bandeira pirata —, a mostrar o novo risco da conquista do voto. Seu corolário é logo a violência inaudita nas horas do lobo, para aguardar a volta do bom-tom e da cara limpa da ONU diante dos sobreviventes de uma nação castigada.

Nos pontos mais dolorosos deste século que vai ao milênio, a trouxe-mouxe, e dilacerações profundas de países ditos réprobos, a presença da Igreja em Timor pode ser indício de ação mais ampla, em que são as forças sociais que podem passar a porta da agulha, ou abrir a réstia de caminho fechada pelas estratégias das Guerras das Estrelas. O Papa vai ao Iraque. Não ao Palácio de Sadan, mas à peregrinação a Ur e às sendas de Abraão, na rota ancestral dos homens por sobre o que lhes digam agora as fronteiras, os “Stealths” ou as esquadras ciclópicas ancoradas no Mar Vermelho. E por que não ver também João Paulo II, no ano jubilar por

excelência, sacramentando o que a consciência ética do mundo já antecipou nos timorenses do Nobel — o bispo e o jornalista — a soprar essa brasa, quase tão extinta, de um mundo dos povos, por sobre os das soberanias, velhas e sôfregas, de Kosovos rápidos e Timores de todas as demoras?